

Cathleen  
Falsani

# JUSTIN BIEBER

FAMA, FÉ E CORAÇÃO

CATHLEEN FALSANI

# JUSTIN BIEBER

FAMA, FÉ E CORAÇÃO

Traduzido por SUSANA KLASSEN

# Belieber:<sup>1</sup> uma introdução

Toda geração lança um herói para o topo das paradas pop.

PAUL SIMON, “THE BOY IN THE BUBBLE”

Ninguém faça pouco caso de você porque você ainda é moço.  
Seja exemplo para eles, para que sigam o caminho que você  
ensina e vive; seja modelo para eles no amor, na fé e na pureza.

1 TIMÓTEO 4.12

## CENA 1

---

### Onde:

Sala de escola dominical onde se reúnem os alunos do último ano do ensino médio

Subsolo da Igreja Batista North Park

Bridgeport, Connecticut, EUA

---

### Quando:

Domingo de manhã

Início de agosto, 1985

---

### Quem:

A autora, com 15 anos, e mais uma dúzia de alunos do ensino médio

---

### O quê:

O professor de escola dominical pergunta se há algum pedido de oração

---

**Será que eu falo?** *O pessoal vai me achar boba. É bem capaz que riam de mim. David vai dizer alguma coisa arrogante pra zoar comigo. Ele não perde uma chance de me deixar com cara de tonta. (Provavelmente porque ele gosta de mim e não quer dar o braço a torcer.) Mas... Os caras precisam que a gente ore por eles. Quer saber? Vou falar...*

Levanto a mão.

— Pode falar, Cathi — diz Rex, o professor de escola dominical, acenando com a cabeça em minha direção.

*Ele vai entender. Rex era entrosado com o rock antes de se tornar cristão. Acho que trabalhava com a equipe técnica de alguma banda. Qual era mesmo? Twisted Sister? Meatloaf?*

— Tá... É... Acho que a gente devia orar pelos integrantes do U2 — digo sem muita firmeza.

Alguns riem baixinho. Outros me olham como se eu tivesse ficado doida.

— É que eu conheço um cara na minha escola que tem uns amigos em Boston e eles são, tipo, amigos da banda — prosigo, tentando ignorar as risadinhas. — E tem um casal de idade lá, e eles são amigos do Bono e oram por ele há muitos anos e tal. E ele chama os dois de “Mãe e Pai”, ou alguma coisa assim. Aliás, vocês sabem que os caras do U2 são cristãos, né?

Sou interrompida por gargalhadas sonoras.

— É sério! Verdade! — digo, levantando um pouco a voz, o que faz a turma se calar. David para de rir. Faz cara de quem vai dizer alguma coisa maldosa, mas depois parece mudar de ideia. Passa os dedos pela franja comprida e lança um longo olhar carrancudo para os seus impecáveis tênis Nike.

Começo a corar, não de vergonha, mas de irritação.

— Pode continuar, Cathi — Rex diz.

— Eles são mesmo cristãos. Quer dizer, pelo menos Bono, The Edge e o Larry são. Acho que o Adam não é, mas ainda assim —

continuo, sentindo o coração desacelerar e o rosto esfriar. — Aí o Bono estava conversando com esse casal uns dias atrás e pediu para orarem por ele e pela banda, porque ele acha que eles estão a um passo de ficarem superfamosos, especialmente depois do show do Live Aid. Falou que está preocupado com a fama, porque pode causar um bocado de pressão para eles deixarem de ser cristãos. Pode mudá-los ou afetar sua fé. Então eu pensei que seria legal a gente orar por eles, pra Deus estar perto deles, especialmente agora, e pra protegê-los e guardar o coração deles.

E então nós oramos.

Pedimos a Deus que os integrantes do U2 permanecessem firmes na fé e que o baixista, Adam Clayton, se tornasse cristão. Oramos para que o Senhor protegesse a banda durante as viagens e os cercasse de pessoas boas que apoiassem sua fé. Agradecemos por ele ter dado a esses cristãos a possibilidade de influenciar pessoas de forma positiva e singular. Pedimos que ele usasse o U2 e sua música para alcançar pessoas com seu amor.

Apesar de ter corrido o risco de parecer uma roqueira fanática, não me arrependi de ter falado. Algumas semanas antes daquele domingo, meu despertador tocou quando ainda estava escuro. Fiz força para acordar e, ainda de pijama, desci as escadas nas pontas dos pés. Liguei a televisão na MTV e abaixei o volume para não acordar meus pais e meu irmãozinho que dormiam em quartos perto da sala. Esfregando os olhos para fazer o sono passar, encontrei o controle remoto enfiado entre duas almofadas do sofá, peguei um cobertor e fui me sentar na poltrona menos confortável, mais próxima da TV.

Naquela época, minha família não tinha um aparelho de videocassete e ainda levaria uns vinte anos para surgirem no mercado os gravadores de vídeo digital. Portanto, se eu estava a fim de assistir ao Live Aid — um grande show beneficente realizado

simultaneamente em Londres e na Filadélfia, organizado pelo roqueiro irlandês Bob Geldof para levantar fundos em prol de africanos que estavam morrendo de fome na Etiópia — tinha de me levantar de madrugada e assistir ao vivo. Em 1985, nem sonhávamos com a internet como a conhecemos hoje e, portanto, não havia sites com programações de shows, nem streamings de vídeos on-line, nem clipes no YouTube para assistir depois. Para garantir que não perderia a apresentação da minha banda favorita no Wembley Stadium, em Londres, precisava assistir ao show desde o começo.

Quando me ajeitei na poltrona na sala de estar, era quase meio-dia em Londres, e o Live Aid estava prestes a começar. Fui acometida de um caso grave de “inquietação de expectativa”, uma mistura de formigamento e nervosismo, uma sensação de náusea leve e suor frio que aparece quando é impossível esperar mais um segundo para que algo aconteça. Imagens de Wembley encheram a tela da televisão. Uma banda militar inglesa entrou no palco e tocou o hino nacional da Inglaterra, “Deus salve a rainha”, seguida de duas bandas das quais eu nunca tinha ouvido falar: Status Quo e Style Council. Depois de uns vinte minutos de transmissão, apareceu o primeiro grupo que eu conhecia: The Boomtown Rats. Era a banda de Geldof, organizador do Live Aid que, no Natal do ano anterior, também havia lançado o álbum *Band Aid* com roqueiros famosos da Inglaterra e Irlanda, incluindo membros do Duran Duran, The Police e U2.

Durante as cinco horas seguintes, só me movi para ir ao banheiro entre uma apresentação e outra. Por fim, pouco antes das dez da manhã, na casa bem localizada de Connecticut, onde cresci cercada por obras de arte e souvenirs das muitas viagens de meus pais pelo mundo, vi o U2 entrar no palco em Wembley. Desatei a chorar e coloquei o volume no máximo (a essa altura,

o resto da família tinha saído para passar o dia fora), apegando-me a cada palavra que Bono dizia.

Foi um show épico que, até hoje, ainda é considerado um ponto decisivo na carreira célebre do U2, por lançá-los da simples popularidade para a fama absoluta. A banda começou com a canção “Sunday Bloody Sunday” e depois atacou com uma versão de quase treze minutos de “Bad”.

“Isolamento, desolação, deixe partir! Estou desperto, de olhos bem abertos. Não estou dormindo...”, Bono cantava, a feição iluminada pelo entusiasmo e a face corada de rubor irlandês.

Vestido de preto, como uma versão turbinada de Johnny Cash, Bono gritou, caminhou com pose e marchou pelo palco. Levantando as mãos no ar e se abaixando como quem ora, o líder da banda, então com 25 anos, jogava a cabeleira tingida de preto com reflexos loiros (em retrospecto, um penteado reconhecidamente infeliz) de um lado para o outro, como um potro irrequieto, apropriando-se de cada centímetro do gigantesco palco ao ar livre. No meio da canção, deixou o microfone cair com um baque alto e subiu na mureta que separava o palco principal do mar de gente que se comprimia junto das barreiras na frente do tablado. Agitando as mãos acima da cabeça e gesticulando em direção aos espectadores, Bono indicou para os seguranças ajudarem várias garotas que estavam sendo esmagadas contra as barreiras pelo peso da multidão atrás delas. Como os seguranças demoraram a socorrê-las, ele mesmo pulou no meio do público e ajudou a tirar algumas garotas da aglomeração de fãs, abraçou com força uma jovem sortuda e encenou uma dança lenta com ela.

Por pouco eu não desmaiei de tanta inveja.

Depois de abraçar e beijar muito discretamente outras fãs que também tinham sido resgatadas dos milhares que se atropelavam para chegar o mais perto possível, Bono voltou para o palco e

terminou a canção. Pouco antes de sair, pegou uma toalha branca para secar o suor do rosto, girou-a como se fosse uma bandeira e se dirigiu ao público pela última vez. “DEUS ABENÇOE VOCÊS!”, gritou.

Mais uma vez, me derreti em lágrimas de alegria, emocionada até os ossos com o que havia acabado de testemunhar. Foi tão comovente, tão visceral, e ele até mencionou Deus! Quando o U2 tocou no Live Aid em 13 de julho de 1985, eu já era fã da banda há algum tempo, mas só tinha ouvido os discos, ou escutado as músicas no rádio. Nunca havia assistido a um show deles. Aliás, levou mais vinte anos até eu ir a um show da banda. (No ensino médio, meus pais me proibiam de ir a shows de rock, com medo de que eu me desviasse para o mau caminho. Na faculdade e alguns anos depois, eu não tinha dinheiro para bancar os ingressos.)

Ainda assim, quando era adolescente, me gabava de ser fã do U2 “desde o começo”, quando lançaram seu primeiro álbum, *Boy*, em 1980. Tinha todos os seus álbuns e cuidava deles como se fossem joias de valor inestimável. As paredes do meu quarto eram cobertas de pôsteres e fotos da banda que eu havia comprado numa loja de discos do shopping ou tirado de revistas, especialmente fotos de Bono, por quem eu estava totalmente apaixonada. Devorava qualquer fragmento de notícia sobre eles que encontrava nos jornais. Por ser uma jovem cristã de origem irlandesa que não escondia sua obsessão por música (não obstante as advertências dos bem-intencionados pastores de jovens, segundo os quais rock com certeza era “coisa do diabo”), me identificava de forma singular com o U2. Conhecia toda a sua história: haviam crescido num bairro operário em Dublin na época dos conflitos violentos entre católicos e protestantes irlandeses que meus pais chamavam de “As Desordens”. Bono, The Edge, Larry Mullen Jr. e Adam Clayton haviam se

conhecido na Mount Temple Comprehensive School, em Dublin, a primeira escola da Irlanda com alunos católicos e protestantes. Iris, mãe protestante de Bono, havia morrido repentinamente quando ele estava com 14 anos, e Bono e seu irmão mais velho, Norman, foram criados até a adolescência pelo pai católico, Bob. A banda havia se formado quando tinham entre 15 e 16 anos e Bono, The Edge e Larry frequentavam uma igreja não denominacional em Dublin chamada Shalom, cujos membros mais tarde questionariam se era possível os rapazes serem cristãos autênticos e, ao mesmo tempo, roqueiros seculares. A história deles tinha uma repercussão intensa dentro de mim.

O U2 foi, literalmente, uma dádiva de Deus em minha vida. Suas canções — tanto a melodia quanto as letras — me inspiraram, avivaram minha fé que, na época, estava começando a brotar e, verdadeiramente, abriram meu coração para o Espírito Santo de maneiras profundas que permanecem até hoje. Cantavam sobre relacionamentos com Deus, com a família, com os pais e os amigos, sobre paixões e desilusões amorosas, guerra, paz, política e seus heróis, como Martin Luther King Jr., o qual homenagearam na famosa canção “Pride (In the Name of Love)”. Mas também cantavam sobre fé, dúvida e uma ligação espiritual, as mesmas ideias que eu ouvia na igreja e no colégio preparatório cristão que frequentava, mas de modo diferente. Era honesto, autêntico, por vezes difícil. Era algo tão real para mim que pareciam ter encontrado palavras para pensamentos que eu (ainda) não tinha coragem de expressar em voz alta. “Ó Senhor, abra meus lábios...”<sup>2</sup>

Soube das dificuldades e injustiças que os africanos pobres enfrentam por meio do envolvimento da banda com o Live Aid. E continuei a aprender sobre pobreza, problemas ambientais, injustiça política ao redor do mundo, a tragédia da aids na África

subsaariana, questões de fé e economia por meio de suas letras e do ativismo de Bono como astro do rock e diplomata que defende incansavelmente o “menor destes meus irmãos” em nosso meio.<sup>3</sup> O modo aberto como Bono nos desafia a expressar a fé não apenas em palavras, mas também em atos, me levou a questionar meus conceitos do que significa ser um cristão verdadeiro. Ele me fez desejar ser uma pessoa melhor, retribuir e fazer todo o possível para ajudar a aliviar a dor do mundo.

Agora, aos 40 anos, sou mãe de um garoto africano que nasceu em situação de pobreza extrema no Malauí (um país minúsculo em forma de feijão encaixado entre Zâmbia, Tanzânia e Moçambique) e cujos pais morreram de aids. Meu filho Vasco, que está com quase 12 anos, também é fã do U2 (e um Belieber, embora ele não goste que eu diga isso em público). Assim que ele começou a aprender inglês, memorizou em pouco tempo as letras de “Salome” e “Mysterious Ways”, duas canções da banda com temas bíblicos. Por vários meses, Vasco me acordava todas as manhãs cantando a plenos pulmões “*Shake, shake, shake, SALOME!*” e “*She moves, she moves in mysterious ways!*”. Se não fosse pelo impacto que as músicas do U2 e o empenho de seus integrantes em favor da justiça social tiveram sobre minha vida na adolescência, não creio que meu caminho teria cruzado com o de Vasco e que hoje seríamos uma família. A banda exerceu e continua a exercer influência formativa em minha fé, vida e visão de mundo. E tudo isso começou a criar raízes quando eu ainda era uma garota emotiva de 15 anos, que levava tudo muito a sério e que se encantou com uma banda de rock de popularidade recente.

No final do ensino fundamental e no ensino médio, meus pais tinham suas apreensões a respeito de minha paixão pelo U2, embora o fato de quase todos os integrantes da banda serem pessoas

de fé que cantavam sobre seu amor por Deus e seu relacionamento com ele aliviasse um pouco sua preocupação. Hoje, meus pais olham para trás, para a filha adolescente sonolenta e chorosa, vestida de pijama e grudada à TV por horas, e reconhecem que Deus já estava trabalhando em seu coração há muitos anos. Ali foi plantada uma semente que germinou e se transformou em algo mais belo, poderoso e cheio de graça do que qualquer um de nós poderia imaginar.

É fácil os adultos fazerem pouco das paixões adolescentes e considerá-las tolas, frívolas e passageiras. Adolescentes e pré-adolescentes podem ser voláteis, inconstantes, hiperemotivos, propensos a caprichos e ideias fantasiosas, apegando-se com unhas e dentes a obsessões que hoje lhes parecem absolutamente essenciais, mas que amanhã esquecerão completamente. Certa vez, ouvi um comediante dizer que todas as crianças e adolescentes são fundamentalistas. Seu coração tenro abriga convicções fortes e sinceras e, não obstante todas as provas em contrário, essas crenças permanecem inabaladas. Para a maioria das crianças e dos adolescentes, tudo é bom ou mau, preto ou branco, bonito ou feio. Vivem em função de absolutos. São, por natureza, fiéis, até mesmo — ou talvez especialmente — quando outros (os adultos, por exemplo) lhes dizem que estão errados, que são jovens demais para saber o que é certo (ou para serem levados a sério), ou que são simplesmente ridículos.

Seria bom os pais prestarem bastante atenção nas paixões de seus filhos. É possível que, de fato, algumas tenham pouca duração. Outras, porém, indicam o rumo que o coração e a mente da criança está tomando, uma trajetória que pode durar a vida toda. Embora, como a Bíblia diz, chegue um momento em que é necessário colocar de lado as coisas de criança, bem ou mal, alguns artefatos da infância permanecem. Frederick Buechner,

magistral escritor cristão, adverte todos nós — jovens, velhos e os que estão entre os dois extremos — a “ouvir” nossa vida. Diz que devemos prestar atenção nas coisas que fazem lágrimas brotar nos olhos ou um nó se formar na garganta, pois “se você atentar para esses momentos, perceberá que algo muito abaixo da superfície de quem você é, algo muito abaixo da superfície do mundo, está tentando lhe falar a respeito de quem você é”.

Por vezes, ouvir sua vida significa observar com atenção a música que toca sua alma. O que me leva ao tema deste livro: o jovem Justin Drew Bieber, de Stratford, Ontário, Canadá.

## CENA 2

---

### Onde:

Meu escritório em casa

Laguna Beach, Califórnia, EUA

---

### Quando:

Terça-feira, de manhã bem cedo

Meados de abril, 2011

---

### Quem:

A autora, com 40 anos, e mais de nove milhões de pessoas que, na época, seguiam Justin Bieber no Twitter.

---

### O quê:

Sentada na frente do computador, checando e-mails, atualizações do Facebook e do Twitter que, aliás, está fervilhando.

---

*Xii. Tem alguma coisa acontecendo com o Justin.*

Uma sucessão rápida de tuítes de todo o planeta chegava ao *feed* de pessoas que eu seguia, muitas delas fãs devotas — ou “Beliebers”, como costumam ser chamadas — de Bieber, o astro musical prestes a completar 17 anos que, pouco mais de dois anos antes, havia saído do anonimato no Canadá.

Um coro de tuítes fervorosos rolou pela tela do computador, uma repetição de expressões de indignação, apoio emocional e orações, 140 caracteres de cada vez.

@Viicky_Belieber	#cheerupjustin <sup>4</sup> ♥ seus fãs estão te apoiando!! Te amamos <3 #muchlove
@laurenluvsnina	Queridos ppzs, deem sossego para @justinbieber enquanto ele tá na IGREJA!!! Deixem ele em paz! Deixem ele orar em paz!
@xoivolina	@justinbieber leia isto e por favor #cheerupjustin! NÓS TE AMAMOS!<3
@purpleglasses89	@justinbieber pena que sua experiência em Israel não tá sendo legal, te apoiamos. #muchlove #cheerupjustin
@Courtillian	@justinbieber sinto muuuito pelos ppzs! espero q vc esteja se divertindo um monte! Não desanima, ora e Deus vai estar com vc sempre :)
@BeliebInBiebz	@Justinbieber #cheerupjustin amamos & apoiamos vc. Os ppzs são chatos. Lembre pq vc começou a cantar. #belieberlove <3
@just_sophi	Hey @justinbieber sinto mto que os ppzs são assim, não esquentam!! Aproveita o momento com a família e ora. Amo vc e todos os seus fãs
@xoliviadancesx	#cheerupjustin seus fãs te amam & apoiam, é revoltante que não dão sossego pra @justinbieber. ele é uma pessoa. PPZS, DEIXEM ELE EM PAZ!
@emilylambiv	@justinbieber te amo tanto vc é tão lindo e não se preocupe com os ppzs, deus é td de bom, ora e me responde pfv te amo

E assim por diante. Horas a fio. Tuítes de pelo menos quatro continentes em uma dezena de línguas. Todos defendendo Justin. O Exército de Beliebers estava em alerta máximo, se organizando para possíveis retaliações.

Ele é um fenômeno da música pop internacional. O canadense Justin Bieber deixou o anonimato para conquistar um importante espaço nas rádios de todo o mundo e também no coração de seus fãs, conhecidos como “Beliebers”. Mas o que se sabe sobre sua fé?

Neste livro, a jornalista Cathleen Falsani revela aspectos não explorados da vida do cantor teen, com destaque para os bastidores de sua trajetória de sucesso, baseada numa espiritualidade bem fundamentada, viva e prática, que se revela naturalmente a seus seguidores no Twitter e também nos shows que realiza.

Conheça a fé e o coração por trás da fama de Justin Bieber e descubra por que, mesmo antes de completar 18 anos, ele levou multidões para assistir nos cinemas a um documentário sobre sua vida, tem milhões de seguidores em redes sociais, é chamado para fazer parcerias com outros cantores de renome e seus álbuns contam sempre com uma vendagem astronômica. Nada é por acaso!

**MC**  
mundocristão

ISBN 978-85-7325-735-9



9 788573 125735 9

Biografia